

Cúpula do PT descarta aliança com os tucanos

JOSÉ LUIZ LONGO

PINHÃO (PR) — Mesmo depois de seu candidato declarar em entrevista ao GLOBO que quer o apoio do PSDB ainda no primeiro turno, o PT considera praticamente descartado o acordo nacional com os tucanos e também com relação a uma aliança regional para as eleições em São Paulo. O secretário geral do PT, Gilberto Carvalho, ligado ao grupo de Luís Inácio Lula da Silva, afirmou ontem que o mais novo obstáculo à coligação é o plano econômico do Governo elaborado pelo PSDB. A avaliação da cúpula petista é que o plano é recessivo, privatista e vai promover um novo arrocho salarial sobre os trabalhadores.

— Se já estava complicado, es-

se novo plano deve inviabilizar uma aliança com o PSDB, porque faremos oposição as novas medidas — disse Carvalho, que participa da caravana do PT pelo Sul do país.

Ele está certo de que as medidas do plano do Governo foram concebidas no Banco Mundial e têm o objetivo de alavancar recursos para o pagamento da dívida externa. Lula não abordou ontem a questão das alianças, mas acusou o Ministro da Fazenda, Fernando Henrique Cardoso, de provocar mais perdas para os trabalhadores.

A avaliação da direção do PT é de que no PSDB não prevaleceu a linha social-democrata liderada pelo senador Mário Covas na elaboração do plano econômico. Carvalho lembrou que esse quadro é mais um complicador nas negociações em torno do apoio

do PT a Covas no primeiro turno da sucessão paulista, o que significaria a desistência da candidatura do deputado federal José Dirceu.

— São Paulo é o carro-chefe da eleição e reproduzirá o quadro nacional — explicou o secretário geral do PT, ressaltando que as divergências com o PSDB não impedirão acordos em estados como Santa Catarina, Bahia, Espírito Santo.

A cúpula do PT vai reunir esta semana intelectuais e sindicalistas para elaborar a tática para a política de alianças do PT. Carvalho adiantou que se encontrará com com Vicente Paulo da Silva, o Vicentinho, presidente dos Sindicatos dos Metalúrgicos de São Bernardo do Campo, e Tarso Genro, prefeito de Porto Alegre, para tentar um acordo sobre o manifesto.